

**Educação bilíngue para surdos: intersecções conceituais e formativas****Bilingual education for the deaf: conceptual and formative intersections**

DOI:10.34117/bjdv6n7-570

Recebimento dos originais: 03/06/2020

Aceitação para publicação: 22/07/2020

**Alysson Saraiva de Oliveira**

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará

E-mail: alysson.oliveira@ifce.edu.br

**Claudeth da Silva Lemos**

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará

E-mail: claudeth.lemos@ifce.edu.br

**Daniele Cariolano da Silva**

Universidade Estadual do Ceará

E-mail: dannicariolano@yahoo.com.br

**Francisco Tiago Ribeiro Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará

E-mail: ftiagoribeiros@gmail.com

**Maria Wesla Nogueira da Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará

E-mail: weslanogueiraifce@gmail.com

**Venícus de Sousa Lima**

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará

E-mail: venicius-sousa@hotmail.com

**RESUMO**

O estudo objetiva compreender as concepções de educação bilíngue para surdos e suas intersecções para a formação docente. O trabalho foi desenvolvido no Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Docência e Estudos Surdos - GEPEDES no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - *Campus* Quixadá. Parte-se da problemática em que se sobressaem no panorama da educação de surdos as abordagens oralistas dominantes em detrimento de perspectivas bilíngues. Além da predominância ouvintista, vislumbra-se também o distanciamento entre a formação de professores e os desafios da prática em sala de aula diante de alunos surdos. Para tanto, recorreu-se à pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, com aplicação de questionário aberto como procedimento de coleta de dados, sob um conjunto de 22 alunos do curso de Licenciatura em Geografia. Os resultados evidenciam diversas percepções ainda difusas e limitadas sobre educação bilíngue de surdos, restringindo-a a simples comunicação e interação adaptativa à cultura ouvintista. Assim, trata-se de concepções controversas de suposto “ajustamento” inclusivo do surdo à uma sociedade eminentemente ouvinte. Isto traz reflexões sobre o currículo dos cursos de formação docente, aos saberes profissionais necessários e à prática em sala de aula desses futuros professores.

**Palavras-chave:** Educação bilíngue, Formação, Prática.

**ABSTRACT**

The study aims to understand the concepts of bilingual education for the deaf and their intersections for teacher training. The work was developed at the Group of Studies and Research Education, Teaching and Deaf Studies - GEPEDES at the Federal Institute of Education, Science and Technology-Campus Quixadá. It starts with the problem in which the dominant oralist approaches stand out in the panorama of deaf education at the expense of bilingual perspectives. In addition to the predominance of listeners, there is also a gap between the training of teachers and the challenges of classroom practice in the face of deaf students. For that, qualitative research of the case study type was used, with the application of an open questionnaire as a data collection procedure, under a group of 22 students of the Geography Degree course. The results show several still diffuse and limited perceptions about bilingual education for the deaf, restricting it to simple communication and adaptive interaction to the listening culture. Thus, these are controversial conceptions of supposedly “adjusting” inclusive of the deaf to an eminently listening society. This brings reflections on the curriculum of teacher training courses, the necessary professional knowledge and the classroom practice of these future teachers.

**Keywords:** Bilingual education, Training, Practice.

**1 INTRODUÇÃO**

O trabalho visa compreender as concepções de educação bilíngue para surdos e suas intersecções para a formação docente. O estudo foi realizado no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Docência e Estudos Surdos – GEPEDES no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE/*Campus* Quixadá.

Tem-se a problemática em que ao longo da história da educação de surdos, algumas abordagens educacionais (Oralismo e Comunicação Total) prevaleceram nas concepções e práticas de ensino nas escolas. Nesse sentido, inquieta-se sobre as perspectivas discentes sobre a educação bilíngue para surdos, considerando-a como contraponto às referidas abordagens, portanto, como expressão da identidade cultural de uma comunidade. Entremeadada a tal problemática, observa-se também o distanciamento entre a formação de professores e os desafios da prática em sala de aula ante aos alunos surdos. Tem-se para essa pesquisa o pressuposto de que ainda não há uma compreensão sobre a educação bilíngue em sua profundidade, o que gera ideias confusas, com fragilidades, em especial ao que se refere à Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Diante do panorama acima e dos objetivos almejados, a pesquisa contempla pressupostos teóricos-metodológicos qualitativos, em que segundo Ludke e André (1986), os sentidos e as interpretações geradas pelas pessoas em relação às coisas e à sua vida são focos de atenção e observação do pesquisador. A partir dessa abordagem qualitativa, utilizou-se o método estudo de caso e aplicando o questionário aberto para um público de 22 estudantes do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE/*Campus* Quixadá. Como

referenciais teórico-metodológicos, têm-se as obras de Goldfeld (2002), Ludke e André (1986), Skliar (1997) e Tardif (2010), dentre outros.

A justificativa e a relevância do estudo sustentam-se na possibilidade de suscitar reflexões, discussões e aprofundamentos teóricos no contexto acadêmico e pesquisas posteriores sobre o tema. Além disso, na possibilidade de gerar propositivas entre os profissionais da educação sobre sua formação e prática em sala de aula com alunos surdos, buscando mudanças cotidianas e curriculares.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa se insere no âmbito da abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 2006), tendo o contexto como sua principal fonte de dados e o pesquisador o instrumento para esta apreensão de informação, supondo “[...] o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.11). Isto considerando o processo indutivo na busca de dados descritivos. Considera-se que o contexto é a principal fonte de dados, sendo o processo e as interpretações dos sujeitos mais significativo do que os resultados obtidos, portanto, busca-se capturar a perspectiva dos participantes.

Nesse sentido, utilizou-se o método estudo de caso, aplicando questionário aberto como procedimento de coleta de dados e tendo como sujeitos participantes, 22 alunos do 5º semestre do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE/Campus Quixadá. Estes participantes foram classificados e referenciados ao longo do trabalho seguindo uma ordem alfabética (aluno A, aluno B, aluno C, por diante).

No processo de análise dos dados foi organizado todo o material coletado em partes, digitalizado, digitado em tabulações, codificado, categorizado e teorizado, buscando relacionar e compreender os padrões relevantes para a pesquisa, como coloca Ludke e André (1986) sobre os passos de análise qualitativa. Desse modo, realizou-se as ações de organização, codificação, categorização e teorização, relacionando-as, identificando tendências relevantes, reavaliando e aprofundando. Tal movimento de análise esteve presente em todas as fases da investigação, ficando mais sistemática e formal ao fim da realização da coleta de dados. Teve-se como referencial teórico-metodológico, estudos de Ludke e André (1986), Goldfeld (2002), Skliar (2013), Tardif (2010), dentre outros.

## **3 RESULTADO E DISCUSSÃO**

A educação sempre ocorreu para desenvolver potencialidades individuais de cada homem em suas diferentes culturas, e quando agregada ao coletivo seria um complemento ao bem estar social da comunidade. Segundo a definição de Brandão, ela “[...] participa do processo de produção de crenças

e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem a trocas de símbolos, bens e poderes que em conjunto constroem tipos de sociedades” Em uma visão na qual a educação está em todos os níveis e existem de vários tipos e expressões (formais, não formais ou formais, escritas ou orais, dentre outras) que possam transformar o mundo.

Muitas práticas educativas de transmissão cultural, tradições e crenças ocorrem via contação, repasse oral de geração para geração. As práticas de ensino também se modelaram por muito tempo, ainda tendo seus reflexos até hoje, sobre a base da transmissão e repetição de conteúdos, de alfabetização, escolarização e formação em outros níveis de aprendizagem, sustentadas pela oralidade, em detrimento de outras formas de produção de conhecimento.

Por muito tempo, educou-se predominantemente de apenas uma forma, a repetição oral das palavras, entretanto, crianças surdas não se encaixavam nessa visão de educação de caráter mais tradicional, clínica e adaptativa. Para Skliar (1997, p.92), a língua oral não é a primeira língua dos surdos, embora em muitas situações seja a única que eles têm acesso desde a infância, desse modo, “todos os esforços que se realizam para que uma criança surda entre em contato com essa língua são limitados funcional e estruturalmente, defasados com respeito ao ritmo de aquisição habitual, cognitivamente inaceitável e eticamente discutíveis”. Observam-se desafios comunicacionais, linguísticos, didáticos e cognitivos.

Nesse sentido, outra questão entrelaçada a fatores sócio-históricos e culturais, é dificuldade de se compreender que os surdos têm uma primeira língua (Libras), a natural que é de todo ser humano e que a segunda língua seria a língua de seu país, na modalidade escrita. Sempre se colocou esses elementos em discussão numa encruzilhada, de avanços e retrocessos, fazendo com que se escolha apenas uma língua dominante, sobrepondo-se em relação a outras (maternas/naturais) representativas, por exemplo, da cultura surda. Nessa perspectiva, Goldfeld (2002, p.44) afirma que “[...] a língua oral, apesar de extremamente necessária para a vida do surdo, nunca será perfeitamente dominada por ele e esta será sempre uma língua estranha, não servindo a todas as necessidades do indivíduo e não podendo, portanto, ser a língua materna da criança surda”, uma vez que sua língua reflete necessidades educacionais, culturais e identitárias específicas.

No decorrer da história da educação de surdos, algumas abordagens educacionais (Oralismo e Comunicação Total) se fizeram fortemente presentes nas concepções e práticas oralistas de ensino-aprendizagem nas escolas, tendo até hoje enorme influência e determinação nas normativas legais, políticas, programas e práticas educacionais nos diversos níveis e modalidades escolares. Para Skliar (1997, p.128) “o excessivo receio pela produtividade ou efetividade nas expressões orais das crianças surdas, somada à obsessiva atenção sobre a estrutura superficial da gramática da língua, são só dois

dos vários reflexos negativos que este modelo de aprendizagem origina”, desse modo, práticas repetitivas, mecânicas, técnicas e descontextualizadas de oralização dos surdos.

Sem desconsiderar as relações e condicionantes influenciadores de tais abordagens clínico-terapêuticas, discuti-se a perspectiva de educação bilíngue para surdos, considerando-a como contraponto, pois se configura para além da aquisição de duas línguas, mas como expressão da identidade cultural de uma comunidade. Segundo Sanchez (1992) apud Skliar (1997, p.139) a proposta educativa bilíngue

supõe a planificação e a aplicação de quatro tópicos fundamentais: a criação de um ambiente apropriado às formas particulares de processamento comunicativo, linguístico e cognitivo das crianças surdas, seu desenvolvimento socioemocional íntegro baseado na identificação com adultos surdos, a possibilidade de que desenvolvam sem pressões uma teoria sobre o mundo que os rodeia e um completo acesso à informação curricular e cultural.

Considera-se que o aspecto de grande importância que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias, tendo a aquisição de duas línguas, como primeira língua é a LIBRAS e segunda língua, o português na forma escrita. Os relatos abaixo evidenciam mesmo que de forma superficial e confusa alguns elementos caracterizadores da educação bilíngue.

Acredito que a educação bilíngue se dá quando o surdo aprende LIBRAS primeiramente, e a utiliza como sua primeira língua e depois aprende o português e esta se torna sua segunda língua. O aprendizado de ambas as línguas ajuda o aluno a melhor se relacionar com as pessoas, bem como, o seu aprendizado no âmbito escolar (ALUNO F).  
De grande relevância para o desenvolvimento do educando, uma vez que a educação bilíngue propicia conhecimentos e habilidades necessárias para a inserção, visto que no sistema é necessário (ALUNO T)  
Tal educação visa uma aproximação dos surdos com a vida escolar e conseqüentemente com o mundo do trabalho (ALUNO V)

A educação bilíngue para surdos pode ser descrita como sendo a aquisição de duas línguas, a materna que é a língua de sinais e a língua oficial escrita de seu país, abrangendo a Libras como instrumento de comunicação e instrução, e expressando outros aspectos que buscam entender a particularidade do surdo, como sua cultura, identidade, formas de agir, pensar, sentir e viver. Observou-se nos relatos discentes certa noção sobre educação bilíngue, que não atinge toda a totalidade e complexidade do conceito de bilinguismo, mas nota-se a presença de elementos caracterizadores como a referência da aquisição de duas línguas (a Libras e outra língua oficial como a língua portuguesa) para o processo de comunicação entre surdo-surdo e surdo-ouvinte. Percebe-se também a afirmativa de que a questão da aquisição da Libras ajudaria nas relações de comunicação, socialização e de aprendizagem no espaço escolar.

Compreendida como meio legal de comunicação e expressão, a Língua Brasileira de Sinais, conforme Lei nº 10.436/2002, Art.1º, apresenta um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria e de transmissão de ideias e fatos. Sendo oriunda de comunidades de pessoas surdas, não pode se restringir ao simples domínio desconexo de um código linguístico, mas compreendido como reflexo cultural, político, histórico e de resistência.

Apesar de seu caráter identitário e cultural, a temática educação bilíngue, nos seguintes discursos discentes, ainda se limita ao suposto domínio linguístico para simples comunicação adaptativa, “inclusiva” do surdo a uma cultura quase que eminentemente ouvintista.

É uma língua extremamente importante, pois permite a interação e comunicação entre surdos e ouvintes sendo assim essencial para a convivência (ALUNO B)  
 Acho de suma importância a compreensão de educação bilíngue pois, irá proporcionar uma interatividade entre o surdo e o ouvinte (ALUNO H)  
 Que se torne uma linguagem comunicativa em todos os países facilitando assim a socialização e integração dos surdos no meio social (ALUNO I)  
 Educação bilíngue é justamente o ensino de interação de duas diferentes línguas para surdos (ALUNO M)

Infere-se nos depoimentos, reducionismos quanto à importância da educação bilíngue, significando quando um surdo aprende duas línguas para interagir com as pessoas ouvintes na sociedade, supondo a promoção de certa “integração” cultural, social e educacional, mas vale situar que tal integração supõe para além da aquisição de duas línguas, outros fatores sociais, culturais, políticos, econômicos e sócio-históricos.

Os discursos ainda são limitados, confusos e contraditórios, sem a compreensão complexa da Libras como também promotora da aprendizagem dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade e de que ela representa a trajetória histórica e cultural da comunidade surda. Nessa mesma perspectiva, tem-se os relatos abaixo.

É um meio de comunicação que vem incluir os surdos no meio social através dessa segunda língua, no caso libras (ALUNO L)  
 É importante para inclusão, fazendo com que os surdos não sejam vistos como pessoas deficientes que não tem capacidade de fazer da sociedade. Devam ficar a margem dela (ALUNO Q)  
 Comunicação como ferramenta de inclusão e interação (ALUNO C)  
 A educação bilíngue é de extrema necessidade para que haja de fato uma escola inclusiva (ALUNO V).

As falas discentes em sua maioria giram em torno do pensamento de que por meio da Libras ocorrerá uma comunicação total surdo-surdo e surdo-ouvinte, restringindo-a a garantia de uma comunicação adaptativa, de ajustamento, “inclusão” e “igualdade” total, social, educacional e cultural dos surdos

Vale ressaltar que o domínio da Libras não necessariamente e automaticamente gera uma ascensão integrativa, social e educacional. Ela deve ser compreendida em sua contextualidade e entremeada a outros aspectos (formação docente, recursos didático-pedagógicos, organizacionais, curriculares, dentre outros) que configuram e que possam garantir de fato uma educação bilíngue para surdos nas escolas, para além da simples e desconexa necessidade comunicativa de incluir os surdos em uma sociedade em que se prevalecem situações, contextos, artefatos, relações, modos, espaços e tempos de uma cultura ouvinte. Tal demanda comunicativa persiste solidamente nos diversos discursos proferidos, daí a predominância nos relatos dos alunos da suposta, relevante, urgente e necessária comunicação adaptativa, “integrativa” dos surdos com os ouvintes.

Em síntese, os resultados evidenciam diversas percepções ainda difusas, limitadas, superficiais e confusas sobre educação bilíngue, ora coerente com a questão da aquisição da Libras (primeira) e da língua português (segunda), ora controversa quanto a língua natural, a oficial escrita do país; ora reconhecendo a especificidade dos surdos e sua cultura, ora comparando a educação bilíngue com a educação inclusiva, entendendo a surdez no âmbito clínico, portanto, como deficiência, desse modo, restringindo o bilinguismo a simples comunicação e interação adaptativa dos surdos à cultura ouvintista.

Diante do exposto, contata-se intersecções entre os depoimentos discentes e as relações sobre a formação docente inicial e suas expressões na prática em sala de aula. Emergem inquietações quanto aos currículos, a (in)suficiente para contemplar as demandas do exercício do magistério, afetando o futuro professor em suas práticas pedagógicas ante a alunos com demandas de aprendizagem diferentes, entre elas a educação bilíngue para surdos. Assim, trazem-se à tona reflexões sobre o saber docente (TARDIF, 2010) que sendo um saber plural, constituído por saberes provenientes da formação profissional, de saberes disciplinares, curriculares e experienciais, é requerido constantemente do exercício da docência ante as novas demandas científicas, tecnológicas, econômicas, políticas, culturais, educacionais e de ensino-aprendizagem, neste caso, no âmbito dos desafios e das possibilidades da educação bilíngue para surdos.

Inquieta-se quanto às políticas, programas e planos educacionais, quanto aos currículos e as práticas docentes universitárias de formação docente, por fim, como numa esteira educacional, inquieta-se quanto ao trabalho do aluno que se formou na universidade que está sob o pilar das políticas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tem-se concepções diversas, ora apresentando mesmo que superficiais, aspectos que entremeiam a educação bilíngue, ora demonstrando enormes distorções conceituais, bem como

limitações ao reduzir a aquisição de duas línguas pelo surdo para simplesmente facilitar sua sociabilidade e comunicação com os ouvintes. Trata-se de perspectivas deturpadas quanto aos conceitos de bilinguismo, surdez, Libras, Surdo, dentre outros que permeiam a educação bilíngue para surdos. Considerando tal contexto e análise do estudo, emergem questionamentos quanto ao espaço concedido nos currículos de formação docente inicial para a abordagem bilíngue e da Libras, sabendo que na prática pedagógica em sala de aula de tais profissionais, os professores, existem diferentes demandas de aprendizagem, inclusive em relação aos alunos surdos.

Os referidos relatos discentes acima expressam em certa medida e limitação, as lacunas existentes nos cursos de formação de professores, em especial na área de conhecimento das didático-pedagógicas, tendo seus reflexos observados na prática docente nas escolas. Nesse sentido, a Libras mesmo pautada em lei, na qual “o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior” (LEI Nº 10.436/2002, Art. 4º), parece não ser compreendida em sua complexidade, estando ainda ausente nos currículos ou presentes, mas com uma carga horária ínfima em relação a profundidade de seu conteúdo/conhecimento.

Reflete-se sobre a formação docente inicial na garantia das necessidades que envolvem a educação bilíngue para surdos na educação básica pública, bem como a importância das formações contínuas e continuadas como eventos/encontros, seminários, especializações, oficinas, congressos e demais possibilidades para pensar em novos modos de compreender e se posicionar frente à educação para surdos. Isto porque as práticas pedagógicas ainda apresentam-se insuficientes no processo de formação docente para atender as necessidades de aprendizagem bilíngue dos alunos surdos. Tem-se a questão do currículo que supõe ainda não atender plenamente a formação, além das fragilidades de como as disciplinas pedagógicas são encaradas pelos licenciados

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2006.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues: **O que é educação**. 26. Ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1991.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 24/08/2018.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7 ed. São Paulo: Plexus Editoria, 2002.
- LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas da educação especial.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.